



A CONTRADIÇÃO E A COLABORAÇÃO NA MORFOLOGIA DO TRABALHO: O PÓS-MODERNISMO COMO FORMA DE ALIENAÇÃO

André de Oliveira Gerônimo¹

RESUMO: Analisando dialeticamente a atualidade e as relações desencadeadas em seu seio pela morfologia do trabalho em suas diversas manifestações, este projeto se propõe a lançar mão das principais correntes teóricas críticas do trabalho como forma de realização humana e suas conseqüências materiais e culturais para o desenvolvimento da contemporaneidade. Assim, a questão aqui tratada leva em consideração não só o papel que o trabalho possui na organização social, mas também um rol de valores culturais próprios do que muitos autores vêm chamando do pós-modernismo capitalista, uma crítica ao cunho do pós-capitalismo e ao tão aclamado fim da história pela superação dos modelos econômicos como instituições regimentares da formação social dos indivíduos em seu cotidiano, seja pela educação ou pelo desempenhar de suas tarefas laboriosas. Como conclusão, dada a revisão das diferentes críticas empregadas no método deste projeto, está a possível superficialização das faculdades humanas no pensar de suas próprias realizações, dado o bloqueio instaurado nos moldes educacionais pela transformação da alienação do trabalho em regime colaborativo no âmbito profissional. Sob esta ótica, antes de ter suas próprias contradições superadas pelas alterações morfológicas do trabalho, o pós-capitalismo foi responsável por transformar as concepções sobre o trabalho em relações falsamente solidárias, pondo em prática o modismo “humanizador” dos discursos pós-modernos a seu favor, substituindo a alienação pelo consentimento exploratório da força de trabalho e acirrando a má distribuição de renda entre os trabalhadores assalariados.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação; Capitalismo; Pós-Modernismo; Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Apesar do crescente número de publicações que tratam sobre modelos gerenciais e administrativos na nova concepção da morfologia do trabalho entre os ambientes acadêmicos, pouco tem se discutido sobre as influências pós-modernas, sobretudo a pretensa constatação do cenário pós-capitalista moderno na contemporaneidade e nos modelos educativos empregados na formação dos indivíduos que buscam garantir sua inserção no ensino superior como forma de qualificação profissional. Deste modo, a popularização de culturas de comportamento laborioso, tal como o empreendedorismo e o colaboracionismo endógeno no interior de uma empresa, por exemplo, se coloca como uma das novas alternativas de superação de velhas crises, ao mesmo tempo em que utiliza velhos artifícios da acumulação de capital pela apropriação privada da produção socialmente obtida.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – Paraná. Acadêmico do curso de Especialização em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. andre.nmo@gmail.com

Estas relações de apropriação e produção, no que são relevantes em nossa discussão, refletem-se de maneira direta nos modelos educacionais implantados por onde os modos produtivos característicos da modernidade e da pós-modernidade se instalaram. Por uma lógica recíproca, a estruturação da educação como uma prática produtiva e reprodutiva de técnicas e conhecimentos úteis à conformação de um trabalhador, qualificado para uma ou outra função, de acordo com sua inserção e sucesso nas linhas disciplinares durante sua vida escolar, obtém seu sucesso por contribuir com a estratificação social e econômica necessária à manutenção dos modos de produção desenvolvidos e aprimorados pelas Revoluções Industriais e Tecnológicas dos últimos quatro séculos.

Neste ciclo contínuo em que os indivíduos constituídos de sua parcela e responsabilidade civil estão envolvidos, coloca-se também uma questão que deve ser discutida continuamente durante o processo de formação educacional, institucionalizado e legitimado já nos primeiros anos de vida de cada ser, que é justamente o propósito da educação e do trabalho ao longo de sua vivência social cotidiana.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Considerando os aspectos críticos da teoria geral do trabalho, academicamente apresentados pela institucionalização científica das pesquisas em ciências sociais da Escola de Frankfurt, a análise dialética constitui a base de todas as sínteses do projeto, dando credibilidade à capacidade de um argumento atravessar sua própria negação como resultado de um processo histórico em que suas contradições são colocadas em prova pela análise de diferentes cenários já experimentados por uma mesma categoria de análise metodológica, seja ela de natureza social, econômica, cultural ou política.

Deste modo, quando falamos de trabalho, não nos referimos apenas ao aspecto desempenhado profissionalmente como resultado de uma atividade laboriosa, mas também às suas raízes embasadas na organização social, na dinâmica econômica, nos valores culturais imbuídos em sua realização e as questões políticas presentes no interior das instituições que identificamos no interior de nossa sociedade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modo de produção atualmente empregado na organização social, econômica e política das sociedades que se intitulam modernas (ou até pós-modernas), por ter estruturado a produção de riquezas do modo que o fez, despertou forças produtivas nunca antes imaginadas em períodos históricos anteriores à Revolução Industrial do fim do século XVIII. Novas formas de tecnologia, conhecimento e modos de vivência foram possibilitados, mas não sem graves conseqüências às estruturas sociais em que tiveram origem.

Pelo individualismo e pela dominação do homem sobre o homem nas relações gerenciais e produtivas do trabalho, características discrepantes em sociedades que se julgam democráticas, a desigualdade entre quem produz e quem se apropria do que é produzido acabou por degradar a realidade social, subtraindo a essência humana de suas próprias relações societárias.

Esta conseqüente alienação, elemento central na discussão do trabalho como categoria inerente à determinação histórica da humanidade pelo modo de produção capitalista, moldou, pela hegemonia dos valores materiais e pela destruição paulatina da solidariedade humana em uma cultura de consumo massificado, as relações contemporâneas como as conhecemos hoje. Estas relações, pautadas principalmente pela divergência entre capital e trabalho nas formas de produção e consumo, deixaram de

lado (desde o surgimento das práticas mercantis) a concepção da realização da vida através da mediação laboral entre o que é do ser humano e o que é da natureza.

Desta forma, o fim último do capitalismo, o lucro, extrapolou a produção de necessidades de consumo para fetichizar as relações humanas. Como consequência da mercadorificação da vida social, a essência humana se coisificou e as coisas, as materialidades advindas da natureza, humanizaram-se na realidade social e produtiva pela cultura de consumo.

Este conjunto de processos contraditórios, que poderíamos chamar de metabolismo social, ao mesmo tempo em que acirra os conflitos, garante a superação destes pelo condicionamento dos elementos envolvidos na realização do trabalho.

Podemos observar que ao longo do desenvolvimento capitalista, muitas foram as formas de reestruturação da lógica que o norteia. Atualmente, esta recomposição tem sido feita através de um método historicamente reconhecido como eficaz: a modificação da gestão e da tecnologia, além da disseminação ideológica por uma pedagogia que penetrou o modo de vida globalizado. A negação e a estigmatização diária da totalidade da realidade, de sua historicidade pela contra afirmação da vida fragmentada, na realidade imediata e no pós-modernismo em todas as suas formas (midiáticas, literárias e formas que oferecem o conformismo como modo de sobrevivência e até de sucesso pessoal), tem sido a maior instrumentalização hegemônica do capitalismo na história.

A naturalização de todas as contradições, sempre feita por discursos pseudo-científicos, apostaram, sempre que possível, na temporalidade das crises, ignorando a consciência histórica da realidade e suas próprias consequências. A negatividade destes discursos é engendrada pela aparente bivalência de que não há nada que possa ser essencialmente destrutivo ao homem, ou que por pior que seja, ainda tem suas vantagens para a humanidade, exemplarmente pela introdução da mecanização produtiva e do consequente desemprego em massa que completa seus ciclos a cada reestruturação produtiva e a cada nova geração de tecnologias produtivas.

4 CONCLUSÃO

Por meio da produção e do consumo em massa, as diversas relações mencionadas ao longo da exposição deste projeto se mostraram intrinsecamente ligadas à realização da vida social pelos modos de produção e consumo. Nesta lógica, o lucro objetivado *ad infinitum* passou não só a pautar as relações de produção, mas também as de vivência entre os indivíduos em sociedade. E tal como as técnicas de administração científica, as relações sociais, mesmo as laborais, passaram a se municiar dos mesmos parâmetros de gerenciamento produtivo, mas desta vez sobre a gestão de pessoas e de informações para a otimização do trabalho alienado.

Desta maneira, torna-se claramente visível o papel legitimador que a educação tem desempenhado na conformação e na expressão dos valores que justificam estes modelos culturais de organização social e produtiva. É pelo consentimento mútuo, principalmente obtido pelo discurso pós-moderno de convencimento organizacional, tanto nos aspectos psicológicos de cada indivíduo quanto pelos apelos emotivos de sucesso e autonomia da vida moderna, que o trabalho organiza a sociedade de maneira a dar continuidade a seu modelo de produção social e de apropriação privada.

Concluindo, podemos perceber que é justamente no mascaramento das contradições apresentadas pelo modo de produção capitalista que a lógica estruturante do próprio capital se mantém. Desta forma, o consentimento e a submissão de elementos contestatórios se colocaram como dispositivos vitais na continuidade da cultura colaboracionista no sistema de organização social e político, assim como a progressão do ideário pós-modernista.

REFERÊNCIAS

ALVES, GIOVANNI. **O novo e precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, RICARDO. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999

_____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo, Cortez / Unicamp, 1995.

_____. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre e afirmação e a negação do trabalho**. 3a ed. São Paulo, Ed. Boitempo, 2000.

BERMAN, MARSHALL. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GADOTTI, MOACIR. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1984.

HUBERMAN, LEO. **História da Riqueza do Homem**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

IANNI, OCTÁVIO. **Dialética & Capitalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª ed, 1988.

TEIXEIRA, REGINA C. F. **A passagem do ‘direito ao trabalho’ para a ‘empregabilidade’: a privatização do espaço público através das políticas sociais de emprego na contemporaneidade**. Unimontes Científica V.5 n.1 Jan. /Jun p.83-94 2003.

TUMOLO, PAULO S. **Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação**. Educação & Sociedade, n. 82. Campinas : CEDES, 2003.